



CIÊNCIAS DA SAÚDE

Educação Física Inclusiva e Paradesporto: semelhanças e diferenças

Inclusive Physical Education and Parasport: similarities and differences

Cláudia da Rosa Romero¹; Eduardo Klein Carmona²

RESUMO

Este estudo tem como objetivo descrever as diferenças e semelhanças entre o Paradesporto e a Educação Física Inclusiva evidenciadas no discurso de profissionais da Educação Física que trabalham com pessoas com deficiência na região metropolitana de Porto Alegre. Além disso, o trabalho visa mostrar as visões desses profissionais quanto às políticas públicas para pessoas com deficiência em seus locais de atuação e os motivos que os levaram a trabalhar com público em questão. Para tanto, a coleta de informações contou com uma pesquisa feita por meio de um questionário on-line realizado com professores de Educação Física. Neste estudo, fica claro que, enquanto a Educação Física Inclusiva permeia o campo da inclusão através de atividades lúdicas, cooperativas e recreativas, fazendo com que todas as pessoas com e sem deficiência participem ao mesmo tempo das mesmas propostas, o Paradesporto se manifesta nas atividades com vistas à performance, ao rendimento, ao treinamento e à competição, buscando descobrir talentos e preparando-os para a vida de atleta.

Palavras chave: *educação física inclusiva, paradesporto, esporte adaptado, pessoa com deficiência.*

ABSTRACT

This study aims at describing differences and similarities between Parasport and Inclusive Physical Education highlighted in the discourse of physical education professionals who work with handicapped people in the metropolitan region of Porto Alegre, besides showing their points of view related to public policies for people with disabilities in their workplaces, as well as the reasons that have taken them to work with this kind of public. Therefore, the collecting of information was done through a research carried out with an online questionnaire that was answered by physical education teachers. In this study, it becomes clear that whereas Inclusive Physical Education permeates the field of inclusion through ludic, cooperative and recreational activities, making all people, those with and those without disabilities, take part in the same proposals, Parasport is manifested in activities aiming at performance, efficiency, training and competition, working on finding talents and preparing them for an athlete's life.

Key-words: *inclusive physical education, parasport, adapted sport, person with disability.*

DOI

¹UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora/MG – Brasil.

²UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS – Brasil.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo aborda a Educação Física Inclusiva e o Paradesporto, que são atividades físicas desenvolvidas para pessoas com deficiência, sejam elas do tipo visual, física, auditiva ou intelectual, congênita ou adquirida, ainda que na forma de inclusão/participação/educação ou competitivo/rendimento (COSTA; SOUSA, 2004; ARAÚJO, 2011). A pessoa com deficiência ainda é caracterizada por grande parte da população como pessoa “anormal”, ou seja, pessoa que não consegue se desenvolver sobretudo fisicamente e por isso, até então, bastante excluída das aulas de Educação Física ou de práticas esportivas.

Cabe destacar que a deficiência é uma construção sócio-histórica-cultural que agrupa e, ao mesmo tempo, diferencia as pessoas – com base em características comuns e outras nem tão comuns de alguns seres humanos (BRUMER; PAVEI; MOCELIN, 2004). No decorrer da história, as pessoas com deficiência foram segregadas e excluídas do contexto social. Na maioria das vezes, eram vistas como incapazes, e em razão disso, não eram estimuladas. A ideia atual é não perceber a pessoa em razão da sua deficiência, mas, sim, estimulá-la para que possa desenvolver-se física e socialmente na medida de suas capacidades, no ambiente em que vive, participa e atua (RECHINELI; PORTO; MOREIRA, 2008).

Em razão do aumento das oportunidades na educação, no esporte e lazer, emprego e inclusão, a qualidade de vida das pessoas com deficiência tem mudado ao longo das últimas décadas. Assim como a atividade física regular, a atividade motora adaptada também proporciona, por meio dos jogos e esportes, maior bem-estar, qualidade de vida, maior autoestima e autonomia (DIEHL, 2008). A Educação Física Inclusiva e o esporte adaptado asseguram às pessoas com deficiência uma melhor qualidade de vida, pois auxiliam a incrementar no seu desenvolvimento motor, suas habilidades motoras básicas, suas capacidades e potencialidades físicas, além de contribuir para a sua autonomia e autoestima (DIEHL, 2008).

A Educação Física passou a se preocupar com as pessoas com deficiência somente no final dos anos de 1950, e, à época, o enfoque principal era a sua reabilitação. No entanto, estas práticas eram receitadas por médicos (COSTA; SOUZA, 2004). No Brasil, a demanda por conteúdos sobre pessoas com deficiência começou a ser discutida juntamente com os debates sobre a reforma curricular dos cursos de graduação em Educação Física na década de 1980 (RIBEIRO; ARAÚJO, 2004). O Parecer nº 215 de 1987 e a Resolução nº 03, de 16 de junho de 1987, geraram um relativo avanço nesse âmbito, pois ambos indicavam a inserção da Educação Física Adaptada nos currículos (RIBEIRO; ARAÚJO, 2004; ARAÚJO, 2011). Ferreira e colaboradores (2013, p. 584) mencionam que as disciplinas específicas destinadas aos

conteúdos sobre as pessoas com deficiência devem “permitir que o graduando compreenda as características da pessoa com deficiência e, com isso, influenciar a sua prática de atividade física, levando o futuro professor de Educação Física a ampliar suas possibilidades de atuação, permitindo a inclusão social em suas aulas”.

Ainda no que diz respeito ao Brasil, o início das manifestações acerca de esportes adaptados data do ano de 1958, com a fundação do Clube dos Paraplégicos, em São Paulo, e do Clube do Otimismo, no Rio de Janeiro, os quais foram criados, respectivamente, por Sérgio Serafim Del Grande e por Robson Sampaio de Almeida, para a prática do basquete em cadeira de rodas. Ambos foram reabilitados nos Estados Unidos após terem sofrido acidentes que os deixaram sem os movimentos dos membros inferiores (PARSONS; WINCKLER, 2012) e lá tiveram contato com o esporte como parte de suas terapias, assim, ao retornarem ao Brasil, deram início a essas instituições onde promoveram o esporte em cadeira de rodas (COSTA; SOUSA, 2004). Define-se esporte adaptado como o esporte modificado (regras, materiais e locais) ou, especialmente, criado para ir ao encontro das necessidades de indivíduos com algum tipo de deficiência (WINNICK, 2004; ARAÚJO, 2011; CARDOSO, 2011).

No que tange à população brasileira com deficiência, a “Cartilha do Censo 2010 – pessoas com deficiência” traz um panorama geral das deficiências e suas totalidades. No Brasil, 45,6 milhões de brasileiros, ou seja, 23,9% da população brasileira tem algum tipo de deficiência, destes 26,5% são mulheres e 21,2% são homens e, ainda, conforme as deficiências, foi estimado que 18,6% tem deficiências visuais, 5,10% auditivas, 7% motoras e 1,4% intelectuais. Sendo 2,39% crianças e adolescentes de 0 a 14 anos, ou seja, público das redes públicas e privadas de ensino no Brasil (OLIVEIRA, 2012).

Já a Lei Brasileira de Inclusão nº 13.146, de 06 de Julho de 2015, garante o direito da pessoa com deficiência à participação em atividades esportivas tanto no âmbito escolar, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem, quanto à participação e de rendimento em igualdade de condições com as demais pessoas. Isso tudo deve ser assegurado pelo poder público, que deve promover ações sistemáticas e eventos que garantam a participação destas.

Diante do breve panorama acima apresentado, o objetivo deste trabalho é descrever as diferenças e semelhanças entre o Paradesporto e a Educação Física Inclusiva evidenciadas no discurso de profissionais da Educação Física que trabalham com pessoas com deficiência na região metropolitana de Porto Alegre, além de mostrar suas visões quanto às políticas públicas para pessoas com deficiência em seus locais de

atuação e os motivos que os levaram a trabalhar com público em questão. Para tanto, buscamos opiniões e experiências desses profissionais através de um questionário elaborado pelos pesquisadores.

Tendo em vista a quantidade crescente de crianças e adolescentes com deficiência que integram as redes escolares de ensino e a maior abrangência de leis que amparam os atendimentos a eles, bem como o aumento da procura e oferta de espaços que forneçam atividades físicas e esportivas fora do ambiente escolar e na vida adulta de pessoas com deficiência, é que justificamos a busca de maiores informações e esclarecimentos acerca de dois movimentos/conceitos, os quais, por vezes, são utilizados como sinônimos e/ou com pouca diferenciação.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este é um estudo qualitativo realizado através de um questionário on-line constituído de nove perguntas, essas foram agrupadas em três blocos temáticos e um espaço para discorrer sobre informações completares as questões do instrumento. Os blocos temáticos foram criados para sistematizar a posterior análise dos dados. Eles foram divididos em: "Atuação junto à Pessoa com Deficiência", "Conceituação: Paradesporto e Educação Física Inclusiva" e "Políticas Públicas", buscando, respectivamente, identificar atuação junto à pessoa com deficiência, compreender as definições dos profissionais acerca dos conceitos chave (Paradesporto e Educação Física Inclusiva), e entender como as políticas públicas para ambos os movimentos se manifestam no contexto dos sujeitos da pesquisa. As questões foram elaboradas a partir da literatura da área, a fim de contribuir para que o objetivo do estudo fosse atingido.

Quadro 1 – Questionário aplicado.

BLOCOS	PERGUNTAS
Atuação junto à Pessoa com Deficiência	1 - Quais os motivos que o levou a trabalhar com pessoas com deficiência? Explique.
	2 - Por que você se mantém ou não trabalhando com pessoas com deficiência? Explique.
Conceituação: Paradesporto e Educação Física Inclusiva	3 - Para você, o que é Paradesporto? Defina, conceitue e, se possível, exemplifique.
	4 - Para você, o que Educação Física Inclusiva? Defina, conceitue e, se possível, exemplifique.
	5 - Você percebe alguma/s diferença/s entre Paradesporto ou Educação Física Inclusiva? Quais? Explique.
	6 - Você percebe alguma/s semelhanças/s entre os conceitos? Quais? Explique.

Políticas Públicas	7 - Você percebe diferenças entre políticas públicas para o Paradesporto e para a Educação física Inclusiva? Quais?
	8 - Na sua prática, quais as deficiências que você atende e quais as dificuldades encontradas? Essas dificuldades são, de alguma forma, motivadas pelas falta de políticas públicas? Por quê?
Espaço complementar	9 - Caso você queira expor alguma/s informação/ões que não tenha/m sido contemplada/s neste questionário, por favor, sinta-se à vontade para fazer isso abaixo.

Fonte: criado pelo autor.

O trabalho de profissionais da educação física junto às pessoas com deficiência ainda é incipiente e bastante restritivo no contexto sul-rio-grandense, tendo um número pouco expressivo de profissionais nessa área e, ao mesmo tempo, poucos locais que têm como finalidade desenvolver exclusivamente práticas corporais e esportivas para essa população. Dessa forma, os sujeitos deste estudo foram escolhidos intencionalmente e por convivência devido às suas experiências no trabalho junto às pessoas com deficiência, tanto na rede escolar quanto em associações e/ou entidades voltadas ao atendimento às pessoas com deficiências. Todos são professores que atuam ou atuaram por mais de cinco anos com Paradesporto ou Educação Física Inclusiva, sendo, propositalmente, dois profissionais da área da Educação Física Escolar e dois da área do Paradesporto. Cabe destacar que o número pequeno de sujeitos deve-se, também, por se tratar de um estudo qualitativo que busca interpretar os dados com profundidade de modo a compreender as opiniões profissionais da educação física, cotejando-as com a literatura da área.

Os sujeitos receberam o questionário em formato on-line e, de forma voluntária, responderam ao instrumento, retornando depois de algum tempo. Para evitarmos constrangimentos, os nomes desses voluntários serão tratados de forma sigilosa e serão identificados através das letras A, B, C e D. Esses profissionais trabalham na rede metropolitana de Porto Alegre, a faixa etária deles varia de 34 a 46 anos, sendo três mulheres e um homem.

Quadro 2 - Identificação dos professores.

	A	B	C	D
Idade	34 anos	46 anos	34 anos	36 anos
Sexo	Feminino	Masculino	Feminino	Feminino

Formação	Licenciatura plena em Educação Física Especialista Atividade Motora Adaptada	Licenciatura plena em Educação Física	Licenciatura plena em Educação Física Especialista em Atividade Física Adaptada e Saúde	Licenciada em Educação Física Especialista em Atividade Física Adaptada e Saúde Especialista em no Programa Saúde da Família
Tempo de trabalho	14 anos	19 anos	8 anos e 7 meses	Trabalhou durante 7 anos
Área de Trabalho	Paradesporto	Paradesporto	Educação Física Escolar	Educação Física Escolar

Fonte: criado pelo autor.

Cabe lembrar que todos os sujeitos assinaram um termo de consentimento autorizando as informações coletadas para fins de pesquisa. Após o recolhimento das informações, partimos para a fase de cotejamento das fontes através da análise de conteúdo (BARDIN, 2004; BACELLAR, 2010). Primeiramente, distribuimos as respostas nos três blocos temáticos criados a priori e, na sequência, analisamos as respostas confrontando-as com a literatura da área para dar origem ao capítulo de resultados que segue.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como forma de apresentar os resultados e discussão do presente estudo, foram elaborados três subcapítulos, os quais seguem abaixo. No primeiro, descrevemos os motivos que levaram os profissionais a trabalharem com pessoas com deficiência e suas relações/vínculos com o público. No segundo, apresentamos uma discussão acerca dos conceitos de Paradesporto e de Educação Física Inclusiva a partir das opiniões dos profissionais e em diálogo com a literatura especializada. No terceiro, buscamos mostrar suas visões quanto às políticas públicas para pessoas com deficiência em seus locais de atuação, como forma de demonstrar como as ações governamentais abarcam esses dois segmentos nos contextos desses profissionais.

3.1 O TRABALHO COM AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Inicialmente, questionamos os motivos que os levaram a trabalhar com pessoas com deficiência e os motivos que os mantêm trabalhando na área. A professora A, responde que antes de cursar a graduação em Educação Física trabalhava como auxiliar de fisioterapia (curso extinto hoje), com pessoas com déficits motores e o esporte foi um modo mais lúdico que encontrou para auxiliar as pessoas a diminuir suas limitações e descobrir outros potenciais e que, além disso, começou fazendo um curso de extensão para trabalhar o esporte e o lazer com pessoas com deficiência. Nesse mesmo sentido, Cardoso (2011) fala que, através do desporto adaptado, os profissionais proporcionam condições para que esta população busque o desenvolvimento de forma lúdica e prazerosa. A professora A ainda relata que se mantém porque desde o primeiro dia de curso se apaixonou pelos alunos, pelas possibilidades; avanços que as aulas poderiam oferecer aos alunos e tudo que a profissão escolhida poderia mudar na vida das pessoas e que nunca mais conseguiu se afastar.

O professor B relata que sempre teve facilidade em lidar com o diferente, desde estágios em clínicas de recuperação, mas que o Paradesporto sempre lhe chamou a atenção e que também se mantém trabalhando, pois considera o trabalho uma experiência contagiante de tal forma que “fica difícil de explicar, é um envolvimento incrível e também um retorno afetivo/emocional muito grande. A professora C diz que ao ingressar o quadro de professores da rede pública de ensino do estado do Rio Grande do Sul foi encaminhada para uma escola especial e que sem titubear aceitou o desafio. Ela se mantém neste trabalho, pois “acredita piamente numa sociedade melhor onde todos aprendem com as diferenças”.

No entanto, a professora D relata que sempre gostou do trabalho adaptado com populações especiais, que trabalhou 10 anos com idosos e que quando foi lecionar na escola percebeu outro viés possível dentro da área adaptada: lecionar para crianças com deficiência através de projetos paralelos as aulas de Educação Física. Atualmente, por questões pessoais, está afastada do trabalho com pessoas com deficiência, porém pretende, futuramente, voltar a trabalhar com essa população.

Nota-se, assim, que são diversificados os motivos que levaram esses profissionais a trabalhar com pessoas com deficiência, mas que, com exceção da professora C, todos já possuíam certo envolvimento com a área. Os motivos declarados pela professora C nesta pesquisa acabam sendo uma prática bastante comum nesta área, pois, muitas vezes, os profissionais recebem propostas e terminam encarando-as como um desafio e, no decorrer do convívio diário, acabam aflorando sentimentos que tornam difícil deixar de trabalhar com esse público, visto o retorno (afetuoso) sincero.

3.2 PARADESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA INCLUSIVA

As perguntas seguintes buscaram esclarecer definições dos conceitos de Paradesporto e Educação Física Inclusiva. A professora A coloca que “Paradesporto são jogos e exercícios pré-desportivos específicos para pessoas com deficiência aprenderem e praticarem os esportes paraolímpicos”, ou seja, apresenta uma visão deturpada do conceito descrito pelos autores Araújo (2011) e Cardoso (2011), pois ambos compreendem o fenômeno do esporte adaptado como sendo esporte modificado (regras, materiais e locais) ou, especialmente, criado para ir ao encontro das necessidades de indivíduos com algum tipo de deficiência. Já Educação Física Inclusiva, a professora define como “aulas de Educação Física com a participação de todos os alunos nas aulas”. Além disso, fala sobre a apresentação educativa de esportes olímpicos, não olímpicos e paraolímpicos, enfim, “toda a atividade motora em que todos participam juntos, com suas características respeitadas”. Relata que percebe, sim, diferenças entre os segmentos, pois para ela “o Paradesporto são aulas praticadas por pessoas com deficiência, com exercícios pré-desportivos para esportes paraolímpicos/especiais, com regras específicas e Educação Física Inclusiva, trata-se de uma aula com a participação de todos com outros objetivos inseridos junto, mas também percebe semelhança visto que ambos podem ser ensinados a todos”.

Na concepção do professor B, o Paradesporto é um “esporte normal com algumas regras que permitem a participação de pessoas com alguma limitação, mesma adrenalina, comprometimento e determinação e não facilitação nenhuma”. Já a Educação Física Inclusiva, sob seu ponto de vista, “é a forma com que se possibilita a participação de todo um grupo em uma mesma atividade simultaneamente”. Ele entende que isso não será possível durante toda a formação, exemplificando as escolas, mas quando os profissionais não estiverem atuando simultaneamente que esteja realizando uma atividade paralela adequada. O Professor B ainda pensa que no “Paradesporto já se passa a focar em determinadas atividades especificando treinamentos, enquanto na Educação Física Inclusiva exploram-se ludicamente jogos, brincadeiras e atividades em geral”. Quanto às semelhanças, ele explica que “assim como aqueles que não têm deficiência, na Educação Física Inclusiva podemos avaliar potenciais durante as atividades como se fossem pré-desportivos e, o mais importante, seria um momento em que se pode esquecer as diferenças e mostrar seus potenciais, seja competindo ou brincando”.

Já para a professora C, Paradesporto “são esportes com regras já estabelecidas assim como o convencional, os quais pessoas com deficiência podem praticar e inclusive se profissionalizar a exemplo do goalball, judô, natação, atletismo, rugby, tênis de mesa, bocha paraolímpica e entre outros”. Complementa dizendo que “o Esporte Adaptado são atividades adaptadas para que todos possam praticar, independente de se ter deficiência ou não”, e exemplifica com “o fuzen, ginásticas, jogos

cooperativos, artes marciais e entre outros”. Quanto à Educação Física Inclusiva, entende que “é aquela que o planejamento seja em benefício e aprendizado de todos, sempre respeitando as diferenças e limitações dos educandos”.

Para a professora D, sempre que se fala em Paradesporto “pensa em modalidades paralímpicas, que na sua grande proporção são esportes advindos dos já existentes, com as devidas adaptações de regras e espaço, ou o esporte já criado para pessoa com deficiência visual, como no caso goalball”. Quando ela se refere ao Esporte Adaptado, “pensa em todos os esportes, não somente os paraolímpicos, mas todas as possibilidades adaptativas que possibilitem que o aluno/atleta realize”. Ela faz essa diferenciação ao referir-se a esses termos, mas ao mesmo tempo mostra que os dois conceitos são tratados como similares por autores da área: segundo Gorgatti e Gorgatti (2005) “o esporte modificado ou especialmente criado para ir ao encontro das necessidades únicas de indivíduos com algum tipo de deficiência”; para Duarte e Werner (1995) são os esportes em que consistem as adaptações e modificações nas regras, nos materiais e nos locais para as atividades, possibilitando a participação das pessoas com deficiência. Para a professora, a Educação Física Inclusiva é universal, “acontece na escola e é da escola, independe da deficiência ou necessidade transitória ou não”, ela ainda menciona que “a Educação Física Inclusiva desperta e desenvolve habilidades não especializada” e acredita que “não necessariamente precisa ser ensinada através de modalidades esportivas, pode ser através de atividades recreativas, psicomotoras, danças e tantas outras formas de movimento”.

Diante das ideias expostas, podemos inferir que todos os professores identificam Paradesporto como sendo o conjunto de os esportes adaptados para pessoas com deficiência, tendo suas regras modificadas a fim de que os alunos/atletas entendam e tenham condições de realizar dentro das suas capacidades. Já a Educação Física Inclusiva trata de atividades em que todos podem executar juntos e em um mesmo contexto. Ainda, podemos dizer que o primeiro acaba sendo uma atividade exclusiva, pois só participam pessoas com deficiência. Dessa forma, tanto uma quanto a outra tem como proposta principal respeitar as limitações de todos.

As contribuições trazidas pela Educação Física Adaptada enquanto área de conhecimento e prática de atividade física se tornaram muito importantes para o desenvolvimento do Paradesporto e dos esportes paralímpicos. A Educação Física Inclusiva, assim como mencionado pelos nossos entrevistados, pode ser percebida e estudada como a área do conhecimento que busca a socialização e a inclusão, uma vez que, quando em desenvolvimento, integra todos os alunos, com e sem deficiência.

Para Costa e Sousa (2004), a Educação Física Inclusiva e Educação Física Adaptada são dois segmentos diferentes, uma tende a ser inclusiva e a outra tende a ser integrativa – no sentido de incorporar a pessoa com deficiência na sociedade, porém, considerando os novos rumos da Educação Inclusiva na Educação em geral, não podemos deixar de pensar nesta Educação Física que inclui a todos.

Conforme diretrizes emanadas do Encontro Mundial de Educação para Todos, realizado na Tailândia em 1990, e da Declaração de Salamanca de 1994, a nova perspectiva da inclusão não se refere apenas às pessoas com deficiência, mas a todos os excluídos socialmente, pois estes devem ser trabalhados nos mesmos espaços e tempo com as crianças que possuem as mais diversas forma de habilidades, capacidades, comportamentos e histórias de vida (BARRETO; FRANCISCO; VALE, 2014). Existem muitos questionamentos com relação à Educação Física Inclusiva: pensa-se se um dia será possível um esporte em que todos participem juntos, tendo como base as diferentes deficiências, habilidades e capacidades. As respostas pra isso ainda estão sendo estudadas e precisam ser refletidas. Segundo Costa e Sousa (2004), conviver com a diferença e diversidade humana é possível, mas teremos que superar valores e princípios estigmatizantes ainda tão presentes nas relações sociais entre os homens; ele complementa dizendo que para se alcançar o paradigma da inclusão essas questões precisam ser superadas, sem desmerecer a Educação Física Adaptada.

Para Cidade e Freitas (2002), essas “questões deveriam deixar os muros da universidade e se moverem para as escolas públicas, onde estão os maiores problemas, tanto profissionais quanto sociais”, pois ainda se constata falta de informação e de conhecimento acerca das deficiências dentro das escolas assim como dificuldade dos professores em participarem de capacitações e eventos nesta área.

Segundo os autores Costa e Sousa (2004), embora muitos professores de Educação Física vejam esse tema como antigo e já “conhecido”, muitos deles ainda não conhecem essa área e muito pouco refletem sobre a temática da deficiência. Entretanto, isso seria importante para levá-los a um repensar na articulação tempo, espaço e conhecimento da Educação Física escolar, analisando e compreendendo os limites e as possibilidades de inclusão escolar desses alunos.

3.3 POLÍTICAS PÚBLICAS E PRÁTICAS PROFISSIONAIS

Quanto às políticas públicas para Educação Física Inclusiva e para o Paradesporto, a professora A relata que “infelizmente não conhece nenhuma política efetiva para os tópicos citados no estado em que reside”. Ela atende em uma instituição que recebe mais pessoas com deficiência física e intelectual e onde os fatores dificultantes são: “a) políticas de assistencialismo, que geram nas famílias percepções de que as

entidades devem fazer tudo e conseguir tudo para as pessoas com deficiências, por exemplo: cadeira de rodas, fraldas, etc., enquanto que o seu trabalho está voltado para estimular a autonomia da pessoa com deficiência e das famílias; b) falta de acessibilidade, por exemplo: alunos que moram em locais de difícil acesso e aonde os ônibus adaptados não chegam; c) falta de conhecimento e boa vontade dos gestores públicos no assunto Paradesporto”.

O professor B percebe que a mídia não dá a visibilidade que o Paradesporto deveria ter; por ser minoria e pelo pouco retorno que dá aos meios de comunicação, o esporte adaptado conta infelizmente com poucos investimentos. Menciona, ainda, que ele atende, principalmente, deficiência mental, paralisia cerebral e alguns cadeirantes, deficiências essas menos favorecidas, mas que hoje, na escola em que atua, conseguem suprir de forma satisfatória. Encerra dizendo que falta um investimento maior do poder público.

Para a professora C, as políticas públicas tanto para o Paradesporto quanto para a Educação Física Inclusiva apresentam “pouca clareza para os cidadãos em geral, dependendo, na maioria das vezes, do sentimento utópico, coragem, espírito desafiador e motivacional dos profissionais que trabalham na área”. Ela atende pessoas com deficiência intelectual, paralisados cerebrais e deficientes físicos e relata que “a maior dificuldade que encontra é com as faltas de informações dos direitos dos envolvidos, seus familiares e os próprios profissionais da educação”. Acredita que “um planejamento real e a implantação de políticas públicas transparentes nessa área ajudariam a resolver uma parte dessa demanda”. Por fim, a professora D diz que não tem muito conhecimento sobre as políticas públicas e que atualmente não trabalha mais com pessoas com deficiência.

No que concerne às políticas públicas destinadas ao Paradesporto e à Educação Física Inclusiva, podemos dizer que todos sentem certa falta de interesse dos gestores e órgãos públicos em realizar ações que possam fomentar práticas corporais que envolvam pessoas com deficiência; seja no âmbito escolar, de participação ou de rendimento. Isso se dá pela falta de transparência e, neste caso, falta de conhecimento e preconceito das pessoas envolvidas, ou pelo pouco retorno institucional que esse campo da Educação Física pode apresentar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo, analisando as respostas dadas pelos entrevistados, primeiramente, podemos perceber que diversos fatores fizeram os sujeitos se mantivessem trabalhando junto às pessoas com deficiência. Esses fatores, na sua grande maioria, acabam sendo a fonte propulsora, gerando satisfação e gratidão pelo trabalho que desenvolvem. Além disso, os profissionais acreditam que com as diferenças todos aprendem e batalham pelos seus ideais.

Com relação às semelhanças e diferenças entre a Educação Física Inclusiva e o Paradesporto, os entrevistados acreditam que a primeira diz respeito a atividades que incluem todos os alunos de uma turma em um mesmo momento nas aulas de Educação Física, explorando as atividades lúdicas, jogos e brincadeiras e esta percepção se manifesta mais latente nas escolas. Já o Paradesporto diz respeito aos esportes que foram adaptados conforme as deficiências; com suas regras, materiais e locais adaptados, ou que foram especialmente criados para o público deficiente. O Paradesporto busca performance, competitividade, alto rendimento, potencializando as habilidades e contribuindo para a formação de um ideal de que todos têm possibilidades dentro do esporte. Porém, nem todos os sujeitos tinham essa compreensão, e apresentavam uma visão distorcida do conceito. Quanto às semelhanças entre os conceitos, percebemos que tanto a Educação Física Inclusiva quanto o Paradesporto têm como objetivo principal respeitar as limitações de cada indivíduo, sendo ele com ou sem deficiência.

Acerca das políticas públicas, há unanimidade nas falas quando dizem que há carência de políticas e da efetivação das já existentes destinadas às pessoas com deficiência. Os sujeitos afirmam que gestores e administradores públicos ainda não estão preparados para olhar essas pessoas como parte da sociedade e que a própria mídia também não dá o devido valor a essas ações, seja por desconhecimento, por preconceito ou por concluir que políticas públicas e mídias voltadas ao atendimento às pessoas com deficiência não geram o retorno almejado.

Realizar este trabalho foi importante no sentido de que muitas vezes acabamos confundindo a metodologia de nossas ações junto às escolas e/ou instituições voltadas ao atendimento às pessoas com deficiência, no que se refere à inclusão e à integração. Nada impede que pratiquemos as duas, principalmente quando falamos de espaços escolares, entretanto, devemos ter cuidado para que possamos manter o equilíbrio, respeitando objetivos e pretensões. Os profissionais da Educação Física devem ser os mediadores entre a pessoa com deficiência e os objetivos propostos, e, para isso, precisam ter o conhecimento não só das modalidades paradesportivas e de atividades inclusivas, de lazer e recreação, mas também das deficiências e das habilidades que os alunos possuem.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, P. F. **Desporto Adaptado no Brasil**. São Paulo: Phorte, 2011.

BACELLAR, C. Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKI, C. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2 ed., 2010, p. 23-80.

BARDIN, Laurence. **A análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BARRETO, M. A.; FRANCISCO, E. A.; VALE, L. H. Análise das publicações sobre inclusão de pessoas com deficiência nas aulas de educação física escolar em periódicos brasileiros online. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, p. 530-545, 2014.

BRUMER, A.; PAVEI, K.; MOCELIN, D. G. Saindo da "escuridão": perspectivas da inclusão social, econômica, cultural e política dos portadores de deficiência visual em Porto Alegre. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 6, n. 11, p. 300-327, jan./jun., 2004.

CARDOSO, V. D. A reabilitação de pessoas com deficiência através do desporto adaptado. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 529-539, abr./jun., 2011.

CIDADE, R. E., FREITAS, P. S. Educação física e inclusão: considerações para prática pedagógica na escola. **Revista Integração**, Brasília, p. 26-30, 2002.

COSTA, A. M.; SOUSA, S. B. Educação física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n.3, p. 27-42, maio, 2004.

DIEHL, R. M. **Jogando com as diferenças**. São Paulo, SP: Phorte Editora, 2008.

DUARTE, E.; WERNER, T. Conhecendo um pouco mais sobre as deficiências. In: COSTA, V. L de M. (Coord.). **Curso de atividade física e desportiva para pessoas portadoras de deficiência: educação à distância**. Rio de Janeiro: ABT/UGF, 1995.

FERREIRA, E. *et al.* Um olhar sobre a educação física adaptada nas universidades públicas paulistas: atividades obrigatórias e facultativas. **Revista de Educação. Física da UEM**, Maringá, v. 24, n. 4, p. 581-595, 2013.

GORGATTI, M. G.; GORGATTI, T. O esporte para pessoas com necessidades especiais. In GORGATTI, M. G.; COSTA, R. F. (Orgs.), **Atividade física adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais**. Barueri: Manole, 2005. p. 532-568.

OLIVEIRA, L. M. B. **Cartilha do Censo 2010 – Pessoas com Deficiência**. Brasília:

PARSONS, A. WINCKLER, C. Esporte e a Pessoa com Deficiência – Contexto Histórico. In: MELLO, M. T.; WINCKLER, C. (Orgs.) **Esporte paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012. p 1-14.

RIBEIRO, S. M.; ARAÚJO, P. F. A formação acadêmica refletindo na expansão do desporto adaptado: uma abordagem brasileira. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 3, p. 57-69, maio, 2004.

RECHINELI, A.; PORTO, E. T. R.; MOREIRA, W. W. Corpos deficientes, eficientes e diferentes: uma visão a partir da educação física. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.14, n.2, 2008. p. 293-310.

WINNICK, J. P. **Educação Física e Esportes Adaptados**. Barueri: Manole, 2004.